Bradley, Laurence A. & Bradley, Gifford W. The academic achievement of black students in desegregated schools: a critical review. *R. Educ. Res.*, Washington, D. C., *47* (3): 399-449, summer 1977.

O artigo constitui uma longa exposição (acompanhada por 103 referências bibliográficas) sobre as inúmeras controvérsias causadas pelas leis e pelas decisões dos tribunais norte-americanos contra a segregação racial nas escolas. Grande número de pesquisas têm sido realizadas sobre o assunto, quase sempre criticadas, seja por defeitos de orientação metodológica, seja por não serem as conclusões devidamente apoiadas pelos fatos observados.

Seria difícil afastar a idéia da tendenciosidade dos contendores, cada um *puxando brasa para sua sardinha* de acordo com suas convicções pró ou contra a segregação.

Essa ocorrência num país onde as pesquisas são levadas a sério na quase totalidade dos casos, deve nos alertar contra o fato de certos pesquisadores, consciente ou inconscientemente, planejarem suas pesquisas de maneira a obter os resultados que desejam provar de antemão.

Comentário do autor do resumo: felizmente não temos segregação racial em nossas escolas. Entretanto, também é verdade que a grande maioria dos dirigentes do País é de raça branca, muito embora haja negros e mulatos que são professores universitários ou que ocupam cargos importantes.

Mas, se não acolhemos (na grande maioria dos casos) discriminações raciais, temos sem dúvida discriminações de classes e, como os elementos

de cor pertencem freqüentemente a classes inferiores sob o ponto de vista socioeconômico, isto redunda praticamente numa discriminação racial.

Como brasileiros que nos orgulhamos freqüentemente de não aderirmos aos preconceitos de raça, seria de bom alvitre que associações governamentais ou particulares procurassem conceder bolsas de estudos, destinadas especificamente a alunos de cor, pobres, intelectualmente aptos, para que lhes fosse permitido prosseguir seus estudos até aos níveis universitários.

Centra, John A. Student ratings of instruction and their relationship to student learning. *Amer. Educ. Res. J.*, Washington, D. C., *14* (1): 17-24, winter 1977.

As avaliações dos estudantes sobre a qualidade dos cursos que lhes são ministrados devem ter, segundo a opinião de muitos, correlação com seu aproveitamento escolar. Vários estudos têm sido realizados sobre este tema, alguns por vezes criticados pela metodologia empregada. O presente artigo expõe uma investigação mais aprofundada do assunto, levada a efeito em 1975 na Memorial University em Newfoundland.

Nessa universidade, há vários cursos que são obrigatórios para os alunos que iniciam seus estudos. Em duas disciplinas (química e biologia) muitos deles foram matriculados no primeiro semestre em que lecionavam sete professores. Em outras cinco disciplinas, depois do semestre inicial, os estudantes mudaram de classe na segunda parte do ano letivo. Em todos os casos os alunos foram distribuídos randomicamente pelas classes. O número de seções variou entre 7 e 22 para o grupo dos sete cursos, havendo um total de 72 seções ministradas por 44 professores, todos de competência reconhecida.

Logo no início de cada semestre, os alunos recebiam indicações sobre o *tipo* de questões que lhes seriam propostas como medida de seu aproveitamento e orientações sobre o método de julgamento, mas a nenhum foi dado conhecimento das questões específicas que lhes seriam propostas.

As análises que os estudantes deveriam formular sobre a qualificação de seus professores e respectivos processos de ensino envolviam nove variáveis oriundas do Student Instructional Report (SIR), que já tinha sido anteriormente utilizadas pelo autor em 1972.

Os resultados numéricos alcançados são apresentados num quadro que contém 109 correlações totais e parciais entre as variáveis, isto é, entre os vários julgamentos formulados pelos alunos e o aproveitamento final por eles obtido.

Embora sobre alguns pontos não se tenha chegado a conclusões altamente significativas sob o ponto de vista estatístico, muitos resultados, sobretudo de caráter geral, puderam ser obtidos. Para os cursos de química e de biologia, as correlações mais elevadas com os resultados escolares foram encontradas com as avaliações do valor que o curso repre-

sentava para os estudantes, seguidas pelas relativas à eficiência dos professores e sobre a qualidade das aulas. Cinqüenta por cento das avaliações sobre a eficiência global do ensino e os resultados escolares mostraram correlações iguais ou superiores a 0,58 e, em muitos outros casos, valores iguais ou superiores a 0,47.

No quadro geral das correlações entre todas as variáveis, 12 delas se mostram altamente significantes (no nível de 0,01), enquanto que 18 se revelam simplesmente significativas (no nível de 0,05).

Somente a leitura do próprio artigo poderá conduzir a julgamentos válidos sobre os muito numerosos resultados nele relatados. A bibliografia apresentada compreende 19 referências.

Freyre, Gilberto. Aspectos da influência africana no Brasil. *Cultura,* Brasília, *6* (23): 6-19, out./dez. 1976.

Do presente número da revista (especialmente dedicado à influência africana na cultura brasileira), foi escolhido para um rápido resumo o artigo de Gilberto Freyre por ser talvez o mais abrangente de todos.

Embora tratando primordialmente da contribuição africana, não esquece ele a dos ameríndios nem a de elementos de outras nacionalidades, inclusive da japonesa.

É fato histórico incontestável que nossa civilização é de origem predominantemente européia ou, mais particularmente, hispânica e sobretudo portuguesa. A língua que falamos em todo o País seria a prova mais evidente deste fato.

Um dos marcos mais salientes de uma efetiva retificação da perspectiva e dos estudos da influência africana no Brasil — antes por muitos minimizada ou deturpada — foi a realização, em 1934, no Recife, do Congresso Afro-Brasileiro, devida sobretudo à influência de Gilberto Freyre, acompanhada de uma exposição de pinturas sob a direção de Cícero Dias. O congresso teve uma repercussão notável e atraiu aplausos do antropólogo norte-americano Franz Boas e a participação de Meiville J. Herskovitz e da inglesa Nancy Cunard, o que despertou mais tarde o interesse de Roger Bastide sobre o assunto. Atualmente, os centros mais atuantes de estudos afro-brasileiros são o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com seu Departamento de Antropologia e seu Museu Antropológico, bem como instituições análogas que funcionam na Bahia.

A influência africana no Brasil, dentro de sua ecologia tropical, se exerce em nosso país sob os mais variados aspectos. Sem falar na mestiçagem propriamente dita, produtora de mulatos das mais diversas variedades, ela influiu poderosamente sobre as mulheres, no seu modo de andar, no seu gosto por adornos e balangandãs e, mesmo as de sangue branco, pela acentuada preferência pela cor morena. Elas não mais procuram conservar a tez alvíssima de suas avós: procuram quase sempre bron-

zear-se nas praias pelos banhos de mar que em geral são apenas banhos de sol.

Falemos ainda na influência sobre as artes plásticas. Se não atingiram Portinari, exerceram poderosa atração em Di Cavalcanti, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, no próprio Aleijadinho. Sua contribuição na literatura se faz sentir entre brancos e mulatos, em Lima Barreto, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Bernardo Guimarães, Aluísio de Azevedo, Isaías Caminha, José Lins do Rego, Jorge Amado e muitos outros.

Na música é das mais notáveis. Pondo de parte Carlos Gomes, de formação nitidamente européia, temos no nordeste o maracatu, o frevo e, sobretudo, o samba carioca, generalizado em todo o Brasil e hoje principal atração para os turistas de todos os países que procuram conhecer nosso carnaval. Isto sem falar de autores de música erudita, como Villa-Lobos, que em muitas de suas músicas baseia-se em temas de origem africana.

E que diremos da cozinha brasileira, cujos pratos muito devem ao paladar africano? Nela sua contribuição é fundamental e não é descabido referir que o viajadíssimo Blaise Cendras tenha afirmado que as três grandes cozinhas do mundo são a francesa, a brasileira e a chinesa.

Sem abandonarmos o cristianismo católico como a religião da grande maioria de nossos patrícios, não se poderá negar um sincretismo de origem africana, incorporando deuses africanos a santos católicos. São exemplos disto o culto especial que muitos dedicam a São Jorge, Santa Bárbara e a Cosme e Damião. O próprio maracatu, dança aparentemente recreativa e carnavalesca, representa em seus significados mais íntimos uma complexa infiltração africana na religiosidade brasileira.

Como não poderia deixar de ser, o vocabulário e a sintaxe do português falado no Brasil, além de pequena contribuição ameríndia, está eivado de vocábulos e modismos de origem negra.

Não caberá aqui falar na contribuição de elementos de sangue negro ou mulato entre muitos dos que têm elevado o nível da ciência brasileira. Não obstante sua cor, são de fato brasileiros e na sua formação pouco ou nada se poderá vislumbrar da cultura africana.

A influência africana no Brasil apresenta certos aspectos de reciprocidade. Depois da abolição, muitos escravos emigraram para a Nigéria e, já abrasileirados, lá introduziram diversos aspectos de nossa cultura, o que já foi assunto de um programa televisionado.

Segundo o autor, sem hostilizarmos nossas origens européias, estamos criando aqui uma nova cultura tropicalista e afro-brasileira.

Hansson, Hasse. Travailler avec la réalité des enfants. *Éduc. et Develop.*, Paris, (125): 6-14, maio 1978.*

Até fins da década de 60, a arte e as atividades criativas eram consideradas fontes de ornamento para o indivíduo. Esta concepção evoluiu e cada vez mais se tomou consciência de que as palavras, os desenhos e os movimentos também desempenhavam funções importantes; as *funções sociais das imagens* passaram então a ser incluídas nos programas de ensino como elementos de comunicação.

Muitos debates se sucederam a este ponto de vista, pois a imagem é coisa facilmente acessível e atinge um público numeroso através do cinema, da televisão, das histórias em quadrinhos, da publicidade etc. A consciência deste fato trouxe conseqüências culturais definidas, fazendo-se restrições à publicidade sobre o álcool e o fumo e pensando-se mesmo em eliminá-la.

Como as crianças, mais que os adultos, são restritas à vida doméstica, têm maiores contatos com os meios de comunicação de massa e menores oportunidades de compará-los com suas próprias observações da vida cotidiana.

Qual o tipo de imagens recebidas pelas crianças suecas? Uma grande proporção (80 a 90%) das de maior difusão são importadas das zonas lingüísticas anglo-saxônicas (especialmente dos Estados Unidos) e as agências de publicidade que derramam seus produtos no mercado também estão nas mãos de empresas estrangeiras. Tal invasão torna cada vez mais difícil manter uma produção nacional baseada na língua e nas tradições suecas. Sem subvenções estatais seria impossível publicar hoje livros ilustrados de origem sueca, cuja população é de cerca de 8 milhões de habitantes. Os preços correspondentes de livraria seriam de cerca de 45 coroas, o que impossibilitaria os pais de adquiri-los, quando podem comprar livros ilustrados importados por 10 a 20 centavos de coroa.

O problema foi combatido por meio da aplicação de técnicas escolares bastante diversificadas, que consistiam primordialmente em pedir aos alunos que trouxessem para a escola material ilustrado dos gêneros mais diversos, os quais eram por eles analisados sob a orientação, tanto quanto possível subsidiária, dos professores. Isto permitiu às crianças a compreensão das finalidades, por vezes indesejáveis, do material analisado, anulando neles a idéia de que o material publicitário pudesse ser equiparado, por exemplo, a publicações documentárias; tais processos induziram a desenvolver neles o senso crítico e a resistência a influências tendenciosas.

* Antes de resumir o texto do presente artigo, cabe esclarecer que o ensino obrigatório na Suécia compreende três ciclos de três anos, cada um cursado em escolas diferentes. A coroa sueca equivale atualmente a pouco mais de 4 cruzeiros.

Numa sociedade onde a indústria cultural em plena expansão exerce influências cada vez mais dominantes, a responsabilidade e o papel da escola deve ser tido como de importância fundamental.

Comentário do autor do resumo: muito do que foi dito em relação à Suécia tem plena aplicação no Brasil, onde as televisões, os cinemas etc. estão cheios de produtos "enlatados" de origem estrangeira. Isto torna de grande utilidade para o professor brasileiro a leitura do artigo e o estudo dos vários processos utilizados na Suécia, apenas resumidos sumariamente nas linhas acima.

Kempa, R. F. & McGough, J. M. A study of attitudes towards mathematics in relation to selected student characteristics. *Brit. J. Educ. Psychol.*, Edinburgh, *47* (3): 296-304, Nov. 1977.

A partir de 1960 houve importantes modificações no ensino da matemática, resultantes sobretudo do que se denominou "matemática moderna". Não forneceriam resultados concludentes simples comparações de métodos antigos e modernos, pois tais resultados muito dependeriam da capacidade intelectual dos estudantes, de seu gosto pelo estudo da matemática e da eficiência dos respectivos professores.

O artigo focaliza uma experiência sobre o assunto, na qual diversas variáveis são levadas em consideração e incide sobre 322 alunos da sexta série de sete escolas para o sexo masculino. Vários testes e questionários de atitudes foram empregados, inclusive uma adaptação da escala proposta por Husen em 1975 (denominada International study of achievement in mathematics), bem como o teste AH4 de Heim (1970) e o Eysenck personality inventory (1963). Os estudantes foram ainda submetidos ao Cognitive preference test, compreendendo 20 itens destinados a avaliar a preferência entre as apresentações de informações matemáticas sob as formas gráfica, simbólica e verbal. Além disso, um Attitude inventory baseado em trabalhos de Husen (1967), se destinava a investigar os pontos de vista dos estudantes sobre: a) a dificuldade da aprendizagem da matemática; b) a importância e utilidade da matemática na vida; c) o prazer que despertam as atividades matemáticas; d) a atitude global sobre as atividades escolares.

Fizeram parte do estudo alunos que tinham seguido três tipos de programas didáticos: os de tipo A, B, predominantemente de caráter tradicional, e o grupo C, muito especialmente voltado para a matemática moderna. Em certos aspectos referentes à comparação destes três tipos, participaram apenas 291 estudantes (117 com currículos de tipo A, 72 de tipo B e 102 de tipo C).

Quanto às preferências curriculares dos estudantes durante a sexta série (independentemente de estudos de matemática em séries anteriores) foram classificadas segundo os seguintes níveis: a) os que escolheram apenas disciplinas humanísticas; b) os que optaram pelo menos por uma disciplina científica, mas não a matemática; c) os que escolheram disciplinas

humanísticas acrescidas de apenas um curso de matemática; d) os que optaram por disciplinas científicas e apenas um curso de matemática; e) os que escolheram um curso duplo de matemática.

É claro que os resultados de uma pesquisa, que inclui tão grande número de variáveis classificadas de modos tão diversos, não poderão ser resumidos adequadamente, salvo se nos restringirmos aos aspectos mais gerais.

No artigo são apresentados cinco quadros numéricos de dupla entrada. Nos três primeiros, as variáveis do inventário de atitudes sobre a matemática são comparadas: no primeiro quadro com os tipos de cursos (A, B e C); no segundo as mesmas variáveis são comparadas com as preferências curriculares e no terceiro, com os resultados escolares obtidos.

No primeiro quadro, não se observam diferenças relevantes; no segundo, encontram-se diferenças elevadas entre a percepção da utilidade da matemática e o interesse pelos trabalhos matemáticos, bem como com suas opções curriculares.

Os dois quadros seguintes contrastam as preferências pela forma de apresentação dos enunciados matemáticos com as opções curriculares e com os resultados escolares. O método simbólico de apresentação se mostra nitidamente ligado às preferências curriculares que incluem maior proporção de estudos matemáticos, enquanto que os demais se inclinam pelo método de apresentação gráfica. No último quadro, a apresentação simbólica é preferida pelos que revelaram posteriormente os melhores resultados escolares.

Pinto, Marcia Tassinari et alii. Diferenças entre alunos de psicologia, letras e educação, numa situação experimental de conformismo à pressão grupal. *Arq. Bras. Psic. Apl.*, Rio de Janeiro, *29*(4): 121-86, out./dez. 1977.

As observações de vários professores universitários em relação ao comportamento dos alunos, quando presentes em aula alunos de psicologia, de educação e de letras, levaram-nos a crer que o grau de conformidade dos primeiros à pressão grupal era inferior ao dos demais, pois os de psicologia tentavam por vezes questionar o conteúdo das matérias e a própria posição do professor, criando assim um clima diferente do rotineiro.

Em várias culturas são observados fatos semelhantes, notando-se conformismos destinados a alcançar a aprovação social do grupo; há, porém, casos em que as pessoas procuram afirmar sua individualidade, vendo-se mesmo exemplos de não-conformismo e de rebelião contra a opinião grupal. São citadas pesquisas sobre o assunto realizadas por numerosos autores, nem sempre concordantes quanto às conclusões finais.

Esta situação levou os autores à realização de uma pesquisa experimental, baseada nas seguintes hipóteses submetidas a comprovação.

1ª Os sujeitos do grupo de psicologia conformar-se-iam menos em relação aos sujeitos de outros grupos, particularmente aos de letras e de educação.

2ª Os sujeitos de psicologia conformar-se-iam menos no final do curso de graduação (8º, 9º e 10º períodos de crédito), do que no início do mesmo (1º e 2º períodos de crédito).

Foi considerado "comportamento conformista" o *não questionamento* e conseqüente *aceitação* em face da pressão grupal.

Os sujeitos (no total de 30) foram divididos em três grupos: o primeiro formado por dez estudantes do curso de psicologia, sendo cinco de ciclo básico e cinco do final do curso da Pontifícia Universidade Católica, todos do sexo feminino; o segundo e o terceiro grupo tinham constituição análoga, salvo quanto aos cursos seguidos (letras e educação). Os do ciclo básico tinham idades entre 18 e 25 anos e os do ciclo final entre 21 e 25 anos. Tratando-se de alunos de uma universidade particular, sua classe social foi classificada como média-alta.

O material utilizado foi constituído por bolas de isopor de 45 cm de diâmetro, nas quais foram introduzidos pesos entre 3 e 37 gramas. Essas bolas eram revestidas de papel cinza de modo a impedir o reconhecimento do material utilizado. Foram empregados oito pares de bolas com diferenças de peso de 18 gramas no mínimo e de 30 gramas no máximo entre as bolas do mesmo par. Em resumo, o procedimento adotado na pesquisa consistiu na convocação das alunas isoladamente, que eram instruídas pelo pesquisador sobre o problema, que seria o de determinar, segurando cada bola em uma só mão, qual a mais pesada. Três quartos dos alunos de cada grupo foram ainda informados do problema real da pesquisa, que seria a avaliação do conformismo grupal; os demais alunos ficavam na ignorância do propósito em vista, estes designados na pesquisa como sujeitos *ingênuos*.

Os sujeitos eram convocados em aula em grupos de quatro que deveriam dar sua opinião sobre qual das duas bolas era a mais pesada, deixando-se sub-repticiamente o sujeito ingênuo para manifestar-se em último lugar.

Os três primeiros eram previamente avisados de que deveriam dar todos eles respostas iguais e, conforme o caso, todas certas ou todas erradas.

Os resultados, analisados pela técnica estatística da análise da variância, confirmaram (no nível de significância de 0,05) a primeira das hipóteses sujeitas à comprovação, isto é, que os alunos de psicologia são menos sujeitos ao conformismo com a opinião do grupo do que os das duas outras disciplinas. A segunda hipótese não pôde ser confirmada no mesmo nível de significância, não sendo impossível que este fato tenha sido devido ao número relativamente pequeno de sujeitos.

O artigo contém muitos outros assuntos de interesse (inclusive os interrogatórios pelos pesquisadores aos sujeitos ingênuos), mas este e outros pontos seriam descabidos no presente resumo.

A bibliografia apresentada contém 24 referências.

Pöggeler, Franz. Métodos de la educación de adultos. *Educación,* Tübingen, *16*: 42-9, seg. sem., 1977.

Em nosso sistema de educação democrática (o autor se refere à Alemanha) dificilmente encontrar-se-á outro setor que não o da educação de adultos em que o problema dos *métodos* seja uma questão que envolva a totalidade dos participantes e não apenas a dos planejadores, orientadores e professores. Esta participação dos educandos é inerente não só a seu caráter público, como aos objetivos, conteúdos e métodos. Na medida em que os adultos se tornam elementos co-responsáveis, o que ocorre é que o processo de aperfeiçoamento do ensino reforça sua autonomia, realça sua condição de adulto e põe em relevo sua liberdade.

Pelo fato de que a educação de adultos nunca ocorre na ausência do participante autônomo, os problemas metodológicos adquirem uma significação que não existe na educação das crianças e na dos adolescentes, pois o participante adulto deve encarar os métodos empregados no ensino como um padrão de modelos para sua própria vida.

Como a responsabilidade pelo êxito da função educativa não se situa unilateralmente na ação do educador, não é indiferente a proporção relativa em que são aplicadas formas fundamentais, como a exposição teórica e o diálogo; a predominância da primeira prejudicaria a formação de juízos críticos e independentes.

O estudo detalhado de problemas psicossociais pertinentes ao assunto levou o autor a exemplificar especialmente três métodos passíveis de conduzir a resultados satisfatórios.

Um deles é o *Brain-storm,* ou discussão envolvendo todo o grupo, estimulado a se manifestar livremente. É importante porque demonstra, numa atividade de fácil realização, a força criadora de um grupo bem definido. Exige, porém, um trabalho de esclarecimento para superar a crença de que os métodos são esquemas predeterminados de modo mecânico, sem possibilidade de influências criativas, pois deve-se sempre prever que a passividade de alguns elementos os inibam de uma participação efetiva. Pode ser empregado sob a forma do pró-e-contra, em que um tema controvertido seja exposto por duas equipes de opiniões contrárias, falando primeiro uma delas sem interrupções pela outra, seguida da outra equipe que se manifesta também sem interrupções, para que o problema seja finalmente discutido em plenário.

Outro exemplo é o que o autor denomina Método 66, também aplicável a classes de adolescentes previamente adestrados. Neste método, formam-

se grupos de cerca de seis pessoas que discutem entre si determinado problema, sendo esta fase seguida então pela discussão em plenário.

Um terceiro exemplo é o denominado Método dos impulsos. Evitam-se as longas dissertações pelo professor seguidas de curtos diálogos ou interrogatórios. Neste método o expositor restringe sua preleção à duração de 8 a 12 minutos, sendo o assunto, logo em seguida, discutido durante um período equivalente.

Recomenda o autor evitar-se a aplicação de um único método, o que levaria à monotonia. Neste sentido, apresenta mesmo um quadro de cinco itens em que são descritos vários métodos que poderiam ser aplicados sucessivamente na educação dos adultos.

Sloan, Douglas. The higher learning and social vision. *Teach. Coll. Rec.*, New York, *79* (2): 163-9, Dec. 1977.

Desde o início da nação, a parte da sociedade norte-americana interessada em problemas sociais considerou que para a estabilidade e o progresso social, sobretudo numa sociedade pluralística como a americana, deveria haver valores comuns e essenciais, por todos partilhados. De longa data, manifestou-se a convicção de ser a educação, sobretudo a educação superior, o elemento essencial para esse equilíbrio, contrapondo-se às forças centrífugas oriundas dos fatores religiosos, étnicos e dos *status* socioeconômicos. Este pensamento tem sido compartilhado por numerosos pensadores, desde Jefferson e John Dewey aos contemporâneos.

A importância primordial da educação não exclui outros métodos de persuasão, como sociedades literárias e históricas e diversos outros modos de comunicação de natureza humanística.

No início do século passado era popular a idéia de que os *colleges* seriam para esta finalidade muito inferiores às universidades propriamente ditas, mas agora se começa a acreditar que aqueles, fundados antes da guerra da secessão, não eram educacionalmente desprezíveis e apresentavam currículos substanciais, úteis e atualizados. Começamos a compreender que eles não se abriam unicamente às elites, atraindo grande parte da população de estudantes pobres ou de classe média e que não tinham idéias estreitas ou sectárias, mesmo quando mantidos por instituições religiosas: passaram a ser considerados como fazendo parte de um amplo movimento destinado a formar uma sociedade mais abrangente e a apresentar metas e valores de unificação nacional.

Outro aspecto dos *colleges* era o de conter ensinamentos de filosofia moral (considerados a parte mais importante de seus currículos) numa tentativa de prover diretrizes e inspirações para a aplicação ética dos conhecimentos.

Com a multiplicação das universidades em fins do século passado e princípios do atual, modificações radicais ocorreram nas relações entre os

conhecimentos e as finalidades sociais, não obstante a necessidade de conhecimentos tecnológicos para diversos fins, reconhecendo-se, mais do que nunca, que a educação, especialmente a universitária, tinha papel central na compreensão dos valores sociais. Ao mesmo tempo era assinalada a importância de uma educação popular que permitisse o recrutamento das classes menos favorecidas e intelectualmente capazes e que lhes desse a possibilidade de obter liberdade e iniciativa para atingir níveis de importância nas decisões fundamentais para o progresso do país.

Além disso, a arte, a religião, a literatura e vários outros assuntos passaram a ser considerados, não apenas especializações, mas sim assuntos de interesse tão importante quanto os conhecimentos científicos e tecnológicos requeridos para a manutenção de uma sociedade de consumo.

Sem dúvida há conflitos de opinião a respeito de tais problemas, o que constitui um radicalismo epistemológico. Há, entretanto, fundadas esperanças numa transformação vital desses pontos de vista essencialmente estreitos.

Torkelson, Gerald M. AVCR — One quarter century: evolution of theory and research. *A V Commun. R.* Washington, D.C., *35* (4): 317-58, winter 1977.

O autor se propõe, num longo estudo de 241 páginas, a descrever a evolução e relevância da revista que, publicada durante 25 anos, sob seu título atual, passará a ser denominada *Educational Communication and Technology: A Journal of Theory, Research, and Development.*

O artigo passa em revista as várias tendências que orientaram a publicação e — exclusão feita de análise de livros, de dissertações doutorais e de resumos de pesquisas — apresenta um quadro, dividido em qüinqüênios, especificando os artigos de caráter geral (553) e daqueles dedicados especialmente às pesquisas no campo audiovisual (231). A proporção destes últimos cresce de forma muito regular, começando por 25% no primeiro qüinqüênio e chegando a 61% no último, numa percentagem global de 43%.

Aparece número elevado de transcrições dos autores que participaram sucessivamente da orientação que foi dada à revista durante o quarto de século de sua existência, bem como da parte que desempenharam em seu desenvolvimento.

A exposição é dividida em três partes que procuram elucidar sucessivamente: a) Quem somos nós, como profissionais, identificados pela terminologia que adotamos, pela escolha de nossos objetivos e pela nossa fundamentação teórica? b) Que papel exercemos em nossas pesquisas, nossas discussões filosóficas e em nossos interesses profissionais? c) Qual a influência que a revista exerceu sobre a educação?

Cada um destes temas inclui assuntos muito diversos e de elevado interesse para o problema das comunicações audiovisuais nos Estados Unidos.

Para apresentar uma idéia dos critérios seguidos sob forma interrogativa (aqui traduzida livremente), é dada uma exemplificação do que, segundo Schwen, deve guiar a natureza dos estudos publicados:

1. O trabalho é suscetível de ser verificado por outros?
2. O estudo foi elaborado sob forma coordenada?
3. Seus resultados são generalizáveis a outros campos de estudo?
4. É possível enquadrá-lo numa estrutura conceptual teórica?
5. O estudo conduz a um acréscimo válido de nossos conhecimentos científicos?
6. Foi ele devidamente fundamentado em estudos preliminares?
7. É ele passível de uma interpretação baseada no senso comum?

Ao concluir o trabalho, declara o autor estar convencido de a revista ter representado um papel de relevo no desenvolvimento do ramo científico a que se dedicou.

Comentário do autor do resumo: para os que se dedicam às comunicações audiovisuais, será sem dúvida de interesse a leitura deste artigo, bem como a de outros publicados no mesmo número da revista, pela visão global que fornece dos problemas analisados.

White, William F. The use of the behavioral maturity scale in formative and summative evaluation of young children. *Education,* Appleton, Wis., *98* (1): 17-22, fall 1977.

Nos programas de educação de crianças na primeira infância, a avaliação dos alunos sob seus diversos aspectos apresenta muitas dificuldades, sobretudo em relação a seu desenvolvimento social e emocional. Em Atlanta e Miami, desde 1969, a Behavioral maturity scale (devida a Kim e seus colaboradores) tem prestado relevantes serviços para este fim.

Trata-se de uma escala de 18 itens que procuram avaliar as características da maturidade dos estudantes sob os pontos de vista acadêmicos, sociais e emocionais. Cada item é julgado por dois professores (ou por um professor e seu assistente) e o escore total fornece informações sobre a maturidade global do estudante, sendo em geral elevadas as correlações observadas entre os dois avaliadores. O artigo apresenta quadros numéricos das correlações (em geral bastante altas) entre a maturidade acadêmica e os resultados escolares, o mesmo acontecendo em relação às demais variáveis sujeitas à avaliação.

O emprego da escala durante vários anos justifica a conclusão de seu valor quanto aos fatores em causa. A escala é de fácil emprego e dá lugar a indicações de grande utilidade para as expectativas dos professo-

res sobre as possibilidades acadêmicas dos alunos e sobre a avaliação das características do comportamento e do desenvolvimento afetivo dos jovens estudantes.

Comentário do autor do resumo: pelas vantagens que podem ser tiradas da escala, seria de utilidade tentar-se, para as séries iniciais das escolas brasileiras, uma adaptação da Behavioral maturity scale, elaborada por um psicólogo para isto devidamente qualificado.

Relação dos nomes completos das sete revistas cujos títulos foram abreviados

Arq. Bras. Psic. Apl. — Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada

Amer. Educ. Res. J. — American Education Research Journal

A V Commun. R. — A V (Audio-Visual) Communication Review

Educ. et Develop. — Education et Développement

R. Educ. R. — Review of Educational Research

Teach. Coll. Rec. — Teachers College Record

Brit. J. Educ. Psychol. — The British of Educational Psychology.